

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS EM AMBIENTE HOSPITALAR

THE ART OF STORYTELLING FOR CHILDREN IN A HOSPITAL ENVIRONMENT

EL ARTE DE CONTAR CUENTOS EN HOSPITALES

Rosimara Mota Santos

Aluna do Centro Universitário Internacional Uninter. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 2º semestre – 2017.

Luciana Carolina Santos Zatera

Professora Orientadora do Centro Universitário Internacional Uninter.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a arte de contar histórias para crianças em ambiente hospitalar. A escolha da temática surgiu no decorrer do curso de Pedagogia, onde houve a oportunidade de cursar a disciplina Literatura Infantojuvenil, que tratou da contação de histórias para crianças, uma das maneiras de fazer uso da ludicidade em qualquer tipo de ambiente. Sabendo que a audição de histórias estimula a imaginação da criança, pergunta-se: é possível propiciar ao paciente um distanciamento da realidade hospitalar por meio da contação de histórias e oferecer-lhe momentos de descontração, alegria e diversão? O principal objetivo foi apresentar de que forma é possível promover distanciamento da realidade hospitalar, por meio da contação de histórias, propiciando ao paciente infantil momentos de descontração, alegria e diversão. Diante do exposto, os objetivos específicos foram pesquisar de que forma a audição de histórias pode contribuir com o bem-estar físico e emocional do paciente infantil e apresentar diferentes técnicas e recursos para a contação de histórias. Esta pesquisa foi realizada por meio revisão bibliográfica em livros, sites da internet e artigos científicos, tendo como principais aportes: Kirchof; Souza; Pereira (2013), Matos; Mugiatti (2007), Ribeiro (2006), Zilberman (1987). Essa pesquisa permitiu a constatação da importância da contação de histórias para crianças em ambiente hospitalar, pois pode proporcionar melhoria para o seu bem-estar.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Ambiente Hospitalar. Bem-estar.

ABSTRACT

This paper has as its theme the art of storytelling for children in a hospital environment. The choice of the theme emerged during the course of Pedagogy, where there was the opportunity to study the discipline Children's Literature, which dealt with storytelling for children, one of the ways to make use of playfulness in any kind of environment. Knowing that listening to stories stimulates the child's imagination, one wonders: is it possible to provide the patient with a detachment from the hospital reality through storytelling and offer moments of relaxation, joy and fun? The main objective was to present how it is possible to promote detachment from the hospital reality through storytelling, providing the child patient with moments of relaxation, joy and fun. Given the above, the specific objectives were to investigate how story listening can contribute to the physical and emotional well-being of the child patient and present different techniques and resources for storytelling. This research was conducted through bibliographic review in books, websites and scientific articles, having as main contributions: Kirchof; Souza; Pereira (2013), Matos; Mugiatti (2007), Ribeiro (2006), Zilberman (1987). This research allowed the realization of the importance of storytelling for children in a hospital environment, as it can improve their well-being.

Keywords: Storytelling. Hospital Environment. Well-being.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como tema el arte de contar cuentos para niños en el ambiente hospitalario. La selección de la temática surge durante el curso de Pedagogía, en donde hubo la oportunidad de cursar la asignatura Literatura Infanto-Juvenil, que trató el tema de la actividad de cuentacuentos para niños, una de las formas de hacer uso de lo lúdico no importa en qué ambiente. Sabiéndose que el oír cuentos estimula la imaginación del niño, uno se pregunta: ¿Es posible proporcionar al paciente un alejamiento de la realidad del hospital por medio del cuentacuentos, y ofrecerle momentos de distensión, alegría y diversión? El principal objetivo es el de analizar de qué forma es posible promover el alejamiento de la realidad del hospital, por medio del cuentacuentos, y ofrecer al paciente infantil momentos de distensión, alegría y entretenimiento. Frente a eso, los objetivos específicos fueron investigar de qué forma el oír cuentos puede contribuir para el bienestar físico y emocional del paciente infantil y presentar diferentes técnicas y recursos para el cuentacuentos. Este estudio se hizo por medio de revisión bibliográfica de textos publicados en libros, páginas web y artículos científicos; los aportes principales fueron los de los autores Kirchof; Souza; Pereira (2013), Matos; Mugiatti (2007), Ribeiro (2006), Zilberman (1987). La investigación permitió la constatación de la importancia del cuentacuentos para niños reclusos en hospitales, pues les puede ofrecer mejoras y bienestar.

Palabras-clave: Cuentacuentos. Ambiente Hospitalario. Bienestar.

INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como tema principal a arte de contar histórias para crianças em ambiente hospitalar, ressaltando a importância da literatura infantojuvenil em diferentes ambientes.

Segundo Busatto, (2003, p. 9-10), “contar histórias é uma arte rara, cuja matéria-prima é o imaterial, e que nos liga ao indizível, trazendo respostas às nossas inquietações, expressando o corpo, justificando o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser.”

Levando isso em consideração, a questão norteadora dessa pesquisa foi assim formulada: é possível propiciar ao paciente um distanciamento da realidade hospitalar por meio da contação de histórias, e oferecer-lhe momentos de descontração, alegria e diversão?

O trabalho justifica-se pelo fato de que no decorrer do curso de Licenciatura em Pedagogia, houve a oportunidade de cursar a disciplina Literatura Infantojuvenil, que tratou da contação de histórias para crianças, que é uma das maneiras de fazer uso da ludicidade em diferentes ambientes, seja ele formal ou informal.

Para a realização desse trabalho, a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica em livros, sites da internet e artigos científicos, tendo como principais aportes as obras de Kirchof; Souza; Pereira (2013), Matos E Mugiatti (2007), Ribeiro (2006), Zilberman (1987).

Esses autores indicam que, por meio da literatura, é possível estimular o desenvolvimento da linguagem da criança, ampliar seu pensamento e imaginação, seu modo de pensar e promover contato com a escrita. Portanto o objetivo geral dessa pesquisa foi apresentar de que forma é possível promover distanciamento da realidade hospitalar, por meio da contação de histórias e propiciar ao paciente infantil momentos de descontração, alegria e diversão. E os objetivos específicos foram pesquisar de que forma a audição de histórias pode contribuir com o bem-estar físico e emocional do paciente infantil e enumerar diferentes técnicas e recursos para a contação de histórias.

Em um primeiro momento, será apresentado um breve processo histórico da literatura infantojuvenil, que trata do surgimento do conceito de infância e do reconhecimento da criança na sociedade, além de uma rápida abordagem sobre a literatura brasileira.

No segundo momento, será abordada a importância da contação de histórias no ambiente hospitalar; como é a vivência das crianças que passam por um momento delicado nesse ambiente e o uso da literatura infantil como benefício às crianças, promovendo momentos de alegria, imaginação e descontração, pois a contação de histórias em ambiente hospitalar pode estimular a criança a “desenvolver seu potencial imaginativo e criativo, na procura de distraí-la no que se refere à sua doença, como também incentivá-la ao gosto e ao hábito pela leitura” (MATOS; MUGIATTI, 2007, p.79).

Em um terceiro momento, serão apresentadas diferentes técnicas e o uso de recursos que auxiliam o professor no momento da contação de histórias, para estimular a imaginação da criança e promover momentos lúdicos, de alegria e diversão.

Depois, a metodologia utilizada no trabalho será descrita, bem como as considerações finais serão apresentadas.

A LITERATURA INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Breve histórico da literatura infantil

Por meio da literatura, é possível estimular o desenvolvimento da linguagem da criança, ampliar seu pensamento e imaginação, seu modo de pensar, além de promover contato com a escrita. Costa (2007, p.63) afirma que “a literatura, que tem o imaginário e

a ficcionalização como elementos constituintes de sua identidade, transforma a realidade em linguagem”.

Na sociedade europeia, no século XVIII, foi criado o atual conceito de infância, pois a criança passou a ser reconhecida como um ser humano em processo de desenvolvimento; esse conceito baseia-se na sua imaturidade e, por isso, remete à necessidade de cuidados especiais, além de uma educação diferenciada. Em consequência disso, a literatura infantojuvenil ganhou forma, surgiu atrelada a um momento histórico específico. Segundo Zilberman (1987, p. 5),

Na sociedade antiga, não havia infância; nenhum espaço separado do mundo adulto. As crianças trabalhavam e viviam juntas com os adultos; testemunhavam os processos naturais da existência, participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns, na narração de histórias, nos contos, nos jogos.

O reconhecimento da criança foi um fator de extrema importância para o surgimento da literatura infantil, pois de acordo com a citação acima, ela não ocupava o lugar que veio a ocupar. Na sociedade antiga, não havia infância, só a partir do século XVIII foi promovida a distinção entre o mundo adulto e a infância.

Dessa forma, a Pedagogia ganha uma especial importância, pois a criança, nesse contexto, deve ser mais bem cuidada e orientada afim de se tornar um cidadão adulto que desempenhará adequadamente a demandas sociais da época. A literatura passa a possuir caráter formador, o que pode ser constatado por meio do material literário oferecido às crianças burguesas, como os contos de fadas adaptados a esse público e os clássicos da literatura adulta, que ganharam um leitor mais jovem.

Nesse contexto, era de responsabilidade da escola apresentar o mundo de forma adequada, por meio de material literário selecionado para garantir uma boa formação das crianças, considerando aspectos pertinentes a sujeitos em formação. Foi a partir dessa preocupação que surgiram os primeiros textos de literatura infantojuvenil, com adaptações de fontes folclóricas, como narrativas e poesias e com adequações de textos da literatura adulta com interesses pedagógicos.

De acordo com o contexto histórico-social de cada época, a literatura infanto-juvenil sofreu muitas modificações, principalmente no que se refere ao seu enfoque pedagógico ou artístico.

De toda forma, o olhar mais voltado para a criança e suas necessidades fez com que os educadores sempre estivessem preocupados com a formação e preparação delas para o futuro. Logo os textos literários infantojuvenis tornaram-se aliados relevantes para o processo de subjetivação das crianças. Segundo Kirchof; Souza; Pereira (2013, p. 30),

O texto literário deve se preocupar com a educação do sujeito e se dedicar a lhe fornecer padrões de comportamento, valores e opiniões divergentes. No caso dos textos destinados às crianças e aos jovens, o que se observa ao longo da história é uma tendência a dar preferência ao viés pedagógico em detrimento ao viés estético.

Como se pode observar, os autores enfatizam a importância da formação de cidadãos que possuam opiniões diferentes e a escola é o espaço privilegiado para esse exercício. Por meio da leitura de textos literários que valorizam a estética como recurso artístico, é possível promoverem o debate entre diferentes pontos de vista.

A literatura infantil brasileira

A literatura infantil brasileira surge com a implantação da imprensa Régia, a partir da publicação de alguns livros, em 1808, com obras de edições europeias dedicadas ao público infantil, porém não foi nessa época que se concretizou a produção literária regular destinada à infância (KIRCHOF; SOUZA; PEREIRA, 2013).

O nascimento da literatura infantojuvenil brasileira coincidiu com a abolição da escravatura e com o advento da República, que também deu início ao processo de modernização do país, quando ocorreram campanhas em defesa ao patriotismo e à alfabetização, o que favoreceu o surgimento de um novo conjunto de leitores de livros infantis e escolares (KIRCHOF; SOUZA; PEREIRA, 2013).

Grandes autores são considerados como marcos históricos para a formação da literatura brasileira, como Olavo Bilac, com sua produção para crianças que se caracterizou por obras de cunho patriótico, que eram usadas em atividades escolares, além de poemas nos quais aspectos da natureza eram exaltados. Segundo Kirchof; Souza; Pereira (2013, p.78), no século XIX, a literatura infantil propagava a ideologia de que “o homem devia usar o tempo de forma racional e equilibrada, em suas diferentes fases da vida; além disso, devia possuir virtudes civis, como o amor à pátria, o respeito à família e aos mais velhos”.

Essa ideologia exalta a importância de o homem saber usar seu tempo, preparar-se para futuro para se manter no controle sempre. Eram assim os textos infantis da época, escritos com o objetivo de contribuir para formação moral dos leitores em fase escolar.

Após esse período, compreendido entre as duas guerras mundiais, no Brasil ocorre a Semana da Arte Moderna, em 1922, e os valores estéticos se modificam, pois há questionamento da arte, que até o momento vinha da Europa. Houve, então, a valorização da cultura brasileira.

Na literatura infantojuvenil, foi Monteiro Lobato o maior representante dessa época e até hoje ainda é considerado o maior autor brasileiro, em razão de suas obras produzidas com caráter inovador. O autor buscava representar a vida na zona rural, combinando fantasia e realidade.

Uma das suas maiores obras é Sítio do Pica-Pau Amarelo, cenário em que personagens viviam grandes aventuras. O mundo fictício lobatiano destinado a leitores mirins foi um marco decisivo para literatura infantojuvenil brasileira, pois representou estímulos à curiosidade intelectual, à criatividade e à descoberta.

No período em que o Brasil foi governado pelos militares, as obras de Literatura Infantil passaram a utilizar como tema central o universo urbano e contemporâneo, visto que a passagem do espaço rural e idílico ao urbano começou a ser compreendida pela representação dos dilemas dos protagonistas ao encararem a problemática com necessidades, exigências e perspectivas.

Foi a partir dessas necessidades que houve a inclusão de temas, nas obras de literatura infantil, que antes eram considerados inadequados para crianças, como diferenças sociais, preconceitos, marginalização de crianças e idosos, a descoberta da sexualidade, sofrimento infantil entre outros.

A partir de 1985, o cenário da Literatura Infantil ganha destaque com obras de vários autores renomados, como Lygia Bojunga Nunes, Sergio Capparelli, Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos Queiroz etc.

As principais características das obras desses autores são a representação de uma imagem de sofrimento, de inquietação e participação crítica, em que as decorrentes crises de identidade foram representadas com um tom realista, incorporando alguns recursos da narrativa pós-modernista, que resultaram em uma ficção renovadora.

Assim, os investimentos na área da literatura infantojuvenil passaram a ser cada vez mais significativos. A forma de produção e circulação dos livros passou por um processo de modernização e se iniciaram programas destinados à formação de educadores, voltados a questões de literatura e leitura. Além desses programas, também houve um desenvolvimento no comércio com a instalação nas livrarias, de setores destinados ao público mirim e aos adolescentes.

Em decorrência desses fatos, vários autores retomaram os registros das raízes históricas e culturais brasileiras, que foram expostas em narrativas protagonizadas por crianças, jovens negros, mulatos e curumins. Segundo Kirchof, Souza, Pereira, (2013, p. 97) “agora a tendência é continuar com a produção de textos que estejam revestidos de seu caráter de produto cultural. Esperamos que as gerações futuras de leitores possam usufruir dessa conquista”.

A literatura infantil e a contação de histórias em espaço hospitalar

Contar histórias é uma arte que pode ser desenvolvida por qualquer cidadão que tenha o domínio da narrativa, memorização e que excepcionalmente goste do que faz. As histórias sempre encantam as crianças, pois são formas de ensinar e aprender, passadas por diversas gerações de contadores.

A literatura infantil serve como importante recurso escolar, mas pode ser utilizada também para a contação de histórias em outros espaços, como o hospitalar.

A literatura infantil trabalha com o faz de conta, com o simbólico e com o mundo fictício. O receptor é convidado a entrar em um mundo ficcional, e esse jogo entre ficção e realidade colabora para que ela [a criança] desenvolva seu discernimento entre o real e o fictício. Ao entrar no jogo ficcional, a criança distancia-se da realidade, fazendo um exercício de abstração. Com esse distanciamento estão cultivando uma atitude mental importantíssima. O distanciamento, a abstração é necessária, por exemplo, ao planejamento e à elaboração de projetos. Só consegue planejar quem consegue abstrair o mundo imediato que o cerca, e viver, temporariamente, no imaginário (REIS, 2016).

Dessa forma, o trabalho com o faz de conta é de grande valia para todas as crianças, já que naturalmente passam por essa fase em suas vidas, em que têm a necessidade de vivenciar momentos lúdicos, por meio do simbólico e do imaginário para que compreendam o mundo real onde estão inseridas.

Em se tratando de crianças em ambiente hospitalar, esse fato ganha maior relevância ainda, já que estar nesse espaço não é agradável para os pacientes. Esse período torna-se ainda pior pelo fato de estarem confinados, ou seja, privados de suas atividades cotidianas.

No entanto, por meio do faz de conta, “a criança pode reviver momentos de dificuldades pelos quais está passando, possibilitando a ela uma posição privilegiada dentro da brincadeira, na qual terá o poder de tomar decisões perante a sua visão” (OLIVEIRA, 2013).

De acordo com Piaget (1964), a brincadeira de faz de conta ou o jogo simbólico, como o nomeou, é uma forma de refúgio que a criança utiliza para poder assimilar e acomodar a realidade a que está submetida. Essa fase, corresponde à faixa etária de 2 a 6 anos, segundo Piaget, mas isso não significa que crianças maiores e adultos não se identifiquem com a fantasia e a imaginação. Afinal de contas, o mundo ficcional está presente não somente na literatura, mas no cinema, em jogos, no teatro.

Já para Vygotsky (2000, p.16), a imaginação é fundamental para que a criança descubra a solução de problemas, mesmo que nessa fase, ainda não se preocupe com a veracidade dos fatos.

Assim, em uma história, por exemplo, os elementos ficcionais auxiliam-na na resolução de conflitos internos, sem que ela se preocupe com o fato de que a história e os personagens são criações imaginárias. Mesmo porque a literatura trata, sobretudo, do conteúdo humano: dos medos, das angústias, dos problemas, dos sentimentos, das incertezas.

Por meio de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo – e mesmo pela ciência – justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis. Quais são eles? Entre outros: as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc. (AZEVEDO, 2004).

No contexto hospitalar, muitas crianças e adolescentes, em idade escolar ficam internadas por um longo período e impossibilitadas de seguir seu ano letivo. Contudo, cabe ao pedagogo oferecer atendimento às crianças e adolescentes enfermos, buscando alternativas que permitam a continuidade desse processo. Segundo Matos e Mugiatti (2007, p.65),

O que mais importa é a criança ou adolescente hospitalizado receber sempre com máximo empenho o atendimento a que fazem jus, nessa tão importante fase de sua vida, da qual depende a sua futura estrutura, enquanto pessoa e cidadão.

Pode-se ressaltar a importância do esforço das instituições hospitalares, ao abrirem esse valioso espaço para uma ação educativa na realidade hospitalar, visando sempre a aprendizagem desses educandos que se encontram em uma situação adversa respeito àquela da escola regular.

Dessa forma, ratifica-se, então, a possibilidade da implementação de um projeto de contação de histórias no ambiente hospitalar, com a intenção de contribuir para o bem-estar mental e emocional do paciente infantil e adolescente.

O vislumbrar da oportunidade de desenvolvimento desse trabalho envolve um compromisso com vários fatores positivos em relação a esse paciente hospitalizado, considerando-o como um indivíduo pleno em suas potencialidades. Salienta Matos e Mugiatti (2007 p.73) que “o homem, como agente de sua cultura, não se adapta, mas faz com que o meio se adapte às suas necessidades”.

A hospitalização causa medo e sofrimento, muitas vezes intensos, que podem afetar a integridade emocional dos pacientes e dos familiares. O enfadonho período de internação hospitalar é um dos piores acontecimentos para uma criança, pois além de afastá-la de sua família e escola, também torna distante o contato com o seu íntimo imaginário. Os pacientes internados ficam muito tempo ansiosos com o tratamento, além do tédio e a inquietação por conta do tempo ocioso. As histórias inseridas neste contexto têm como objetivo aliviar a ansiedade do período do internamento, além de incentivar a reflexão da realidade por meio da leitura de gêneros diversos (SILVA; NUNES, 2014, p. 2).

A arte de contar histórias oportuniza momentos que estimulam o imaginário, por meio de personagens, tempos e espaços diversos. Faz uso de uma diversidade de recursos, que conduzem crianças e adolescentes a um mundo fantástico, propondo a eles um certo relaxamento, um bem-estar emocional, sempre respeitando o estado clínico do paciente.

Segundo Matos e Mugiatti (2007, p.139), “o contador deixa a história fluir, passando a ser um instrumento e deixando-a sair de seu coração para o coração dos ouvintes, nas

enfermarias, nos leitos, nos corredores, nas salas de espera e onde mais seja permitida a sua presença”.

Os caminhos que esses artistas percorrem no ambiente hospitalar remetem a uma linguagem específica, sempre enfatizando a importância da arte e recriando diversas linguagens e diferentes cenários.

Com a intenção de auxiliar no bem-estar das crianças por meio da contação de histórias, Matos e Mugiatti (2007) citam um projeto, no estado do Paraná, chamado “Enquanto o sono não vem”, que foi aplicado a crianças e adolescentes em ambiente hospitalar e surgiu quando, num dado momento da pesquisa que realizaram, ficaram alguns dias observando a rotina de uma realidade hospitalar. As autoras do projeto passaram a observar a rotina das crianças e adolescentes hospitalizados, como horários para fazer exames, higiene, medicamentos, trabalhos de recreação, visitas médicas, além das refeições diárias como lanches, almoços e jantares e, por fim, o momento em que assistiam à televisão. Foi a partir dessas observações que elas se perguntaram “o que fazer enquanto o sono não vem?”. Então, resolveram criar o projeto, incorporando a magia de um contador de histórias para estimular o imaginário e a fantasia de quem estivesse lá.

O projeto foi um sucesso, pois eram planejados temas para cada momento, criando cenários e figurinos que encantavam as crianças, adolescentes e todos os presentes. Ele era apresentado durante a semana, nos horários das 18h30 min às 20h30min, com contos e melodias, tornando-se um ambiente acolhedor e encantador.

Outro projeto que pode ser citado é “Era uma vez no hospital: contação de histórias” de Silva; Nunes (2014), cujo objetivo foi de promover momentos de distração ao paciente hospitalar, já que as autoras descobriram, por meio de um levantamento de dados, que esse ambiente era o mais carente em relação às práticas de contação de histórias, na cidade de Barreiras, na Bahia.

Com a autorização da diretoria do hospital e a enfermeira chefe, as contações de histórias eram desenvolvidas no período da manhã, após os pacientes terem lanchado e sido medicados. Duravam em média de 30 a 40 minutos, respeitando a fragilidade de cada um. As autoras faziam uso de narrativas curtas e sempre interagiam com os ouvintes.

O contador precisa atentar para a situação do público para criar novas formas de motivação. É importante não esquecer que se trata de uma plateia não convencional, que

a princípio se mostra apática por conta da patologia ou da medicação (SILVA; NUNES, 2014, p. 8).

As autoras desse projeto enfatizam muito a importância da leitura. Após a contação, elas faziam distribuições de livros com o intuito de reforçar a ideia das histórias contadas e, a partir dessa prática, era possível observar o encantamento das crianças com os livros.

Silva e Nunes (2014) também relatam que foi possível perceber uma pequena mudança no estado de humor dos pacientes, acompanhantes e até mesmo dos profissionais da saúde.

Elas observaram que o fator emocional é importante na reabilitação dos pacientes. Segundo o depoimento das enfermeiras, as crianças enfermas reagem melhor ao tratamento quando saem de um estado depressivo e melhoram a sua autoestima, proporcionada pela atividade lúdica. (SILVA; NUNES, 2014, p. 8)

Esse projeto foi válido para as autoras perceberem que pelo menos por 30 minutos foi possível amenizar um pouco do sofrimento das crianças, aliviar as tensões e ansiedades além de proporcionar momentos lúdicos a todos os ouvintes.

Técnicas e recursos para contação de histórias

De acordo com Ribeiro (2006, p. 12-13), contamos histórias porque é um ato de criação e porque temos a necessidade de tornar nossas vidas significativas. Contamos histórias para o ouvinte reconhecer a plenitude da existência, para levar o ouvinte a confrontar-se com a sua realidade interna, como se quiséssemos desnudá-lo com suavidade, lentamente, para conseguirmos a proeza de o ouvinte sair de sua rotina e atravessar, sem perceber, a ponte que une o reino da consciência racional ao reino da consciência mítico-simbólica das histórias.

Contar histórias é uma arte particular de um indivíduo contador, e esse ato pode ser considerado como uma prática social estabelecida por meio das interações com o outro.

A importância de contar histórias vai muito além do entretenimento, por meio delas se enriquecem as experiências infantis e desenvolvem diversas formas de linguagem, amplia o vocabulário, ajuda na formação do caráter, e no desenvolvimento da confiança e do imaginário. Além disso, as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação (entre as figuras e o texto lido ou narrado, por exemplo), a construção do pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento

divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais a partir das interpretações realizadas (SILVA; NUNES, 2014, p. 2).

Um contador, evidentemente, deve estar ligado à arte, pois possivelmente gosta do que faz, e assim pode levar alegria aos ouvintes, gostar de ler, de dialogar e principalmente vivenciar momentos mágicos.

Para ser um contador de histórias, não é preciso ser graduado, basta ter o domínio, ter desenvolvido a sensibilidade com os textos literários, além de ter conhecimento a respeito de obras e autores da história da literatura infantojuvenil. Assim, ele pode ter a sutileza e muitas maneiras de ler um livro, tornando sua história muito mais rica e prazerosa. É importante também que o profissional faça um diagnóstico do público ouvinte, para conhecer suas preferências e expectativas.

Para contar uma história, é preciso utilizar diferentes técnicas e recursos. Por meio dela, é possível cativar o ouvinte a despertar novos conhecimentos, abrindo diferentes caminhos, e o mais importante: contribuir com o bem-estar emocional daqueles que estão passando por um momento delicado, podendo propiciar alguma melhora no sentido do alívio da dor psíquica.

Enfatizando que contar histórias não é algo trivial como ler um livro, podemos nos apropriar de várias técnicas e recursos. Primeiramente é importante deixarmos claro que um contador não precisa reproduzir oralmente com todas as letras a história pesquisada, basta que ele apenas apreenda a ideia central de cada cena, usando algum detalhe, recursos diversos e saber narrar, usando adequadamente a voz (pronunciando bem as palavras), a linguagem corporal, as pausas e verbalizar emoções.

Para Ribeiro (2006), as palavras precisam ser revestidas de melodia e musicalidade. O contador de histórias não pode falar num tom só, sem modular a voz. Tem de gostar de ler, ser estudioso da língua, ser íntimo com as palavras, pois assim saberá brincar com as palavras, criar neologismos, usar sinônimos, utilizar diferentes níveis de linguagem, selecionar o vocabulário mais adequado ao público.

Por outro lado, é importante também considerar que o silêncio é tão importante quanto a palavra na narração de uma história. Ele permite que o ouvinte tenha tempo para construir suas imagens calmamente e que compreenda as palavras. Cada história necessita de um discurso do silêncio, diferente para cada uma. Isso é uma questão de ritmo e de tempo (RIBEIRO, 2006).

Sendo assim, o uso do silêncio na narração permite ao ouvinte um tempo para a construção da imagem mental dos elementos da história, como o espaço, o tempo, os personagens, as ações, além de o ouvinte poder apreciar as palavras.

Outro fator importante na contação de histórias é olhar nos olhos do ouvinte, pois, por meio desse gesto, é possível perceber como o ouvinte está recebendo a história. As palavras devem ser pronunciadas claramente e com naturalidade, o contador quando domina o texto com êxito, consegue brincar com elas, fazer construções gramaticais mais elaboradas, fazer uso de sinônimos, entre outros. Segundo Ribeiro, (2006, p. 24),

As palavras precisam ser revestidas de melodia, musicalidade. E quem pretende proclamar-se contador de histórias, tem de, sobretudo, ingressar no universo musical das palavras, ser amigo das gramáticas, dos dicionários e das literaturas.

O corpo tem um papel extremamente importante para a contação de histórias, pois ele deve transmitir gestos verdadeiros para expressar a narrativa. Ribeiro (2006) afirma que o corpo tem de estar em sintonia com a história que se está narrando.

Por meio da expressão corporal, é possível expressar ideias, como por exemplo, expressar o que cada personagem tem de particular: seu modo de andar, articular as mãos, deitar, pular, etc. O contador deve ter consigo que não pode exagerar nos gestos, pois pode trazer uma certa insegurança ao público ouvinte. Deve também estudar a forma de se expressar para despertar o interesse dos ouvintes pela história.

Saber usar a voz é indispensável, pois com ela o narrador consegue modifica-la e produzir diferentes sons, de acordo com o que quer narrar. O contador deve sempre estar atento ao tom e também saber se expressar corretamente, respeitando as pausas.

Outra importante dica para o contador de histórias é que ele deve sempre de estar instigando a curiosidade do ouvinte. Ele deve também surpreender o ouvinte com a riqueza de detalhes, modulação da voz, envolvimento com a história (RIBEIRO, 2006).

Os recursos são instrumentos que tornam a história mais atrativa aos ouvintes, ou seja, eles ajudam a proporcionar a ludicidade. Alberti (2007, p. 36) afirma que “os recursos podem ser objetos que cabe ao contador transformá-los em reis, rainhas, princesas etc., como por exemplo, um simples pano pode se transformar em um castelo.”

Diversos tipos de recursos podem ser usados na contação de histórias, como por exemplo, livros, máscaras, fantoches com a mão, fantoches com papel, fantoches com meias, bonecos, fotografias, álbum seriado, murais didáticos, enfim, diversos outros

recursos. “O professor, quando for escolher os recursos didáticos, precisa levar em consideração critérios que permitam verificar o que se deseja obter” (JUSTINO,2011).

O livro é um excelente recurso para contar história, é uma das formas de instigar a criança a criar gosto pela leitura, além de dar a oportunidade a ela de ir acompanhando a ilustração enquanto viaja nesse momento mágico.

Devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta lentamente a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa. (COELHO, 1999, p.33)

Metodologia

A metodologia utilizada nesse estudo foi a pesquisa bibliográfica, para que se pudesse atingir os objetivos propostos para esta pesquisa. Foi feita uma revisão bibliográfica para apresentar teorias que abordam a arte de encantar contando histórias em ambiente hospitalar, possibilitando pesquisar de que forma a audição de histórias pode contribuir com o bem-estar mental e emocional do paciente infantojuvenil.

Segundo Gil (2008, p.50), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais existentes, fundamentado em dados que nos permitem um maior aprofundamento sobre a temática da arte de contar história no ambiente hospitalar.

Foram consultados diversos materiais bibliográficos acerca do tema, como livros científicos, sites e artigos acadêmicos. Conforme Boccato (2006, p.266), a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa traz subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática,

passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006).

Este tipo de pesquisa permite explorar um aprendizado mais amplo da área a ser pesquisada. Assim sendo, a pesquisa que norteia esse tema, tem como finalidade alcançar resposta aos objetivos propostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou como temática a arte de contar histórias em ambiente hospitalar. Por meio deste estudo, foi possível concluir que as crianças em ambiente hospitalar necessitam de um atendimento específico e que, por meio da contação de histórias, é possível propiciar agradáveis momentos.

Para que isso ocorra com êxito, é importante que as narrações sejam apresentadas de forma estimulante e significativa, sendo indispensável dominar as técnicas de contação de histórias, por meio dos diversos recursos didáticos. Estes mecanismos fazem com que o ouvinte externe suas emoções, como tranquilidade, curiosidade, serenidade, medo, entre outras.

Estar em um ambiente hospitalar não é nada agradável, pois ver a fragilidade do paciente infantojuvenil acaba por nos comover, despertando assim o interesse em oferecer-lhe um distanciamento da realidade vivida.

Compreendendo que essas crianças e adolescentes se encontram fora das suas atividades rotineiras, tais como vida escolar, conforto familiar, lazer, ou seja, estão passando por um período delicado, torna-se possível ofertar a eles momentos de descontração.

Ao investigar assuntos e projetos relacionados ao tema, concluiu-se que a contação de histórias contribui para o aprendizado dos pacientes infantojuvenis, sendo possível viver momentos de alegria, diversão. Sua criatividade e imaginação são estimuladas, desenvolve-se um maior apreço pela leitura, agregando ainda um bem-estar emocional a estes pacientes.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em histórias orais. Rio de Janeiro: FVG, 2007.
- AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontológica da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COELHO, Bethy. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.
- COSTA, Marta M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. 20 ed. Curitiba: IBPEX, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recurso didáticos na formação e prática docente**. Curitiba: IbepeX, 2011.
- KIRCHOF, Edgar Roberto; SOUZA, Luana Soares de; PEREIRA, Mara Elisa Matos. **Literatura Infantojuvenil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos dourados**: a arte de ouvir histórias para depois contá-las. São Paulo: Ave Maria, 2006.
- OLIVEIRA, Elisângela M. R. O faz de conta e o desenvolvimento infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, vol. 4, n. 1, 2013. Disponível em <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Elisangela.pdf> Acesso em 29 nov. 2017.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964.
- REIS, Silvia M. G. dos. **150 ideias para o trabalho criativo com crianças de 2 a 6 anos**: artes plásticas, expressão corporal, literatura, música, teatro, jogos e brincadeiras em uma proposta interdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2016.
- SILVA, Maria F. R. M.; NUNES, Vera, R. B. Era uma vez no hospital: contação de histórias. **Revista Intercâmbio**, 2014. Disponível em <http://2014.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1003/1291/2103.pdf> Acesso em 29 nov. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6 ed. São Paulo: Global. 1987.